

A ANESTESIOLOGIA NO HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL

ANA LUFINHA¹, FERNANDO MATOS RODRIGUES², ARTUR PINTO DE MAGALHÃES MATEUS³, JORGE TAVARES⁴

Palavras-chave:

- Anestesiologia/história;
- Hospitais Militares

Resumo

A prática da Anestesia por cirurgiões no Hospital Militar Principal iniciou-se em 1848. Em finais dos anos 50 do século passado foi criado o Serviço de Anestesiologia, a título experimental e integrado no Serviço de Cirurgia. O seu chefe de serviço, Capitão Médico Joaquim Gonçalves, elaborou um relatório em Dezembro de 1960, o qual foi posto à consideração superior e levou à criação de um serviço autónomo em 24 de Fevereiro de 1961. A guerra colonial, que se iniciou pouco depois em Angola, na Guiné e em Moçambique, trouxe novas exigências ao Serviço. Por um lado, registou-se um aumento substancial do movimento operatório sobretudo em Cirurgia Plástica e Reconstructiva, com cirurgias de longa duração, com elevado número de intubações traqueais difíceis e em doentes com diversos fatores de risco anestésico. Por outro, teve necessidade de proceder à formação de especialistas em Anestesiologia para trabalharem nos múltiplos hospitais militares do ultramar. O serviço aumentou os seus recursos humanos, adquiriu novos equipamentos, criou áreas de consulta e de recobro.

ANAESTHESIOLOGY IN THE LISBON MILITARY HOSPITAL

ANA LUFINHA¹, FERNANDO MATOS RODRIGUES², ARTUR PINTO DE MAGALHÃES MATEUS³, JORGE TAVARES⁴

Keywords:

- Anaesthesiology/history;
- Hospitals, Military

Summary

Anaesthesia practice by surgeons at the Military Hospital in Lisbon started at 1848, soon after its introduction in Europe. After Second World War, improvements in anaesthesia practice were introduced. Anaesthesia was experimentally organized as a Service, integrated into the Surgery Service by the end of the last century 50's. Later (1961) it was recognized as an autonomous service of Anaesthesiology, with a specific preoperative assessment clinic and a recovery room. The Portuguese Colonial War began in Angola (1961), Guinea-Bissau (1963) and Mozambique (1964), lasting for 13 years. As consequence, the main Military Hospital in Portugal suffered a deep modification in the number of surgeries, namely in Traumatology and Plastic Surgery and in the patient risk, largely related to difficult airways. The Service was involved in an accelerated process of education of nurses and anaesthesiologists for the military hospitals in Africa.

¹ 1Assistente Hospitalar de Anestesiologia, Hospital das Forças Armadas – Pólo Lisboa, Portugal

² Coronel Médico Reformado, especialista em Anestesiologia

³ Major General Médico Reformado, Chefe de Serviço de Anestesiologia

⁴ Professor catedrático jubilado de Anestesiologia, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Portugal

O HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL

O atual edifício do Hospital Militar de Lisboa começou por ser um convento beneditino, dedicado a Nossa Senhora da Estrela e fundado em 1572. Fortemente afetado pelo terramoto de 1755, foi posteriormente recuperado para acolher o hospital das tropas auxiliares britânicas sediadas em Lisboa. A partir de então, funcionou sempre como hospital militar e foi denominado sucessivamente Hospital Militar da Corte (1834), Hospital Permanente de Lisboa (1852) e Hospital Militar Principal de Lisboa (desde 1926¹ até 2013, ano da sua extinção). Os serviços de cirurgia do Hospital Militar Principal acompanharam desde sempre o aparecimento e desenvolvimento da

anestesia e das suas diversas técnicas, tal como sucedeu por toda a parte com os serviços de saúde militar. Sebastião Cabral da Costa Sacadura, no seu livro “A Anestesia na antiguidade (nótulas), esponjas soníferas e mandrágora: mais achegas para a bibliografia portuguesa da anestesia: efemérides.” (Lisboa, Tipografia Freitas Brito, 98 p, 1947), dá notícia do que se supõe ter sido a primeira anestesia praticada no Hospital Militar Principal.

A extensa “Bibliografia Portuguesa de Anestesia” incluída neste livro, refere o trabalho de J.C. Loureiro “O chloroformo”, publicado no “Jornal dos Facultativos Militares” (1848, pág. 81) e onde estão descritas várias observações da aplicação do clorofórmio em doentes do Hospital Militar da Estrela, a primeira das quais em 8 de Junho desse ano, apenas um mês depois da primeira aplicação, num parto, da mesma técnica no Porto, por Câmara Sinval (Ferreira de Mira, História da Medicina Portuguesa). Na mesma bibliografia, consta ainda o trabalho de J. C. Mendes intitulado “O Clorofórmio (observações em doentes do Hospital Militar)”, igualmente publicado em 1948 no “Jornal dos Facultativos Militares” (pág. 145).

No Hospital Militar Principal, nos anos 40 do século XX, além das anestésias locais e regionais (quase em exclusivo ra-quianestésias), executavam-se anestésias gerais com éter, primeiro em máscara aberta ou semiaberta, em sistema gota-a-gota sobre compressas de gaze fixas em máscaras metálicas do tipo Schimelbush, depois em aparelhos de Om-bredane.

Ao terminar a II Guerra Mundial (1939-45), começaram a chegar a Portugal notícias de importantes inovações técnicas. Em 1948, o cirurgião ortopedista Fernando de Magalhães regressou de um estágio de especialização em Ortopedia na Inglaterra, com novas ideias sobre a Anestesia. Introduziu no Hospital Militar Principal um aparelho de Boyle provido de uma unidade de absorção de CO₂ Coxeter – Mushin. Neste aparelho podiam utilizar-se circuitos fechados, semifechados ou semiabertos, com sistemas circulares de Waters ou de Magill.

Lemos Gomes, também ortopedista, regressou de um longo estágio em Buenos Aires (Agosto de 1945 a Novembro de 1946), “onde se especializou em Anestesia Moderna e Ortopedia” (como escreveu num *curriculum vitae* de 1976).² A direção do Hospital Militar Principal contratou-o para dar um curso de Anestesia de Maio a Agosto de 1948, tendo sido equiparado a capitão.

Frequentaram este curso – além de outros que seguiram a especialidade de Cirurgia – Joaquim Gonçalves³ e José João Águas de Mendonça Villalobos, que vieram a dedicar-se em exclusivo à anestesia. Como principais inovações que acompanharam o curso, foram introduzidas as técnicas de utilização do protóxido de azoto e do ciclopropano e a entubação da traqueia.

A CRIAÇÃO DO SERVIÇO DE ANESTESIOLOGIA

Em finais dos anos 50, quando era diretor do Hospital Militar Principal o Coronel Médico Bastos Gonçalves, foi criado, a título experimental, o Serviço de Anestesiologia integrado no Serviço de Cirurgia. O seu “quadro” era composto pelo chefe de serviço Capitão Médico Joaquim Gonçalves (que entretanto frequentara um curso de um ano no Texas, Estados Unidos da América) (Fig. 1) e pelos assistentes Capitão Médico Corte Real e José João Villalobos, anestesiologista civil contratado desde 1951.



Figura 1 – Tenente Coronel Médico Joaquim Gonçalves

Em Dezembro de 1960, o chefe de serviço Joaquim Gonçalves elaborou um relatório intitulado “Estado Actual da Anestesia do H.M.P.” em que informava:

“Integrados no Serviço de Cirurgia, existem atualmente três Anestesiologistas, dois oficiais do quadro e um civil contratado, que têm assegurado todas as anestésias do hospital, cerca de 40 por mês. Colaboram também na assistência pré e pós operatória dos doentes graves e asseguram a anestesia de urgência, escalando diariamente um dos seus elementos. As marcações das operações que exigem a nossa colaboração são transmitidas verbalmente pelos diferentes Serviços ao Serviço de Cirurgia, cujos graduados, por nossa determinação, registam num Livro que consultamos diariamente. Os doentes são distribuídos entre nós, salvo casos especiais, segundo um critério de *roulement* em relação aos Serviços e aos Cirurgiões.”

Neste mesmo relatório, foi sugerido:

- 1 – Que seja reconhecida organicamente a autonomia funcional da especialidade de Anestesiologia no H.M.P;
- 2 – Que o futuro Serviço de Anestesiologia, além do Chefe de Serviço, tenha mais três assistentes, dois estagiários e três graduados ou enfermeiras;
- 3 – Que os doentes sejam hospitalizados na véspera;
- 4 – Que os serviços a prestarem sejam requisitados segundo determinados parâmetros;
- 5 – Que o serviço seja responsável pelo material anestésico existente e que seja adquirido novo equipamento;
- 6 – Que seja considerada a hipótese de construção de uma central de vácuo e outra de Oxigénio, no pavilhão de Cirurgia;
- 7 – Que sejam atribuídas instalações, incluindo gabinete, com arquivo e ficheiro, sala de reanimação com quatro camas e sala de anestesia”.

Perante este fundamentado documento, o Diretor do Hospital Militar Principal, Coronel Médico Diogo Furtado, determinou, em Ordem de Serviço de 24 de Fevereiro de 1961, a criação do Serviço de Anestesiologia. O articulado desta Ordem de Serviço estabeleceu as atribuições e o modo de funcionamento que passaram a regular o Serviço, procurando seguir o que fora sugerido no relatório de 1960. Nele constava a criação, além da referida sala de reanimação, de uma consulta pré-anestésica.⁴

Aparentemente desde 1961, seguramente desde 1963 e até à sua extinção, o Serviço de Anestesiologia do Hospital Militar Principal, dispôs de um quadro de enfermagem próprio, hierarquizado, com enfermeiro chefe em exclusividade. Os enfermeiros deste quadro não desempenhavam nenhuma outras funções, no bloco operatório ou fora dele. A lista dos enfermeiros-chefes figura em anexo.

A GUERRA DO ULTRAMAR

Pouco depois da criação do serviço, teve início a guerra colonial em Angola (Março de 1961), que se estendeu à Gui-

né, hoje Guiné-Bissau (1963) e a Moçambique (1964), e se prolongou até 1975 com a independência dessas colónias. O elevado número de cidadãos incorporados no exército, que foram deslocados para os três teatros de guerra durante estes 13 anos, deu origem a um enorme aumento do movimento operatório do Hospital Militar Principal, nomeadamente em Traumatologia e em Cirurgia Plástica e Reconstructiva.

A casuística do Serviço de Anestesia do Hospital Militar Principal é esclarecedora. Em 1961, o total de atos anestésicos foi de 258, o qual subiu no ano seguinte para 1030 e em 1974 para 2282. Não se tratou de um aumento apenas quantitativo: a longa duração das intervenções, a complexidade cirúrgica, os problemas anestésicos, nomeadamente as entubações difíceis, eram frequentes e representaram um desafio para o Serviço. O fim da guerra do ultramar (1975) não se refletiu de imediato na redução da atividade operatória do Hospital Militar Principal, uma vez que alguns feridos e acidentados de guerra continuaram a carecer de múltiplas e complexas intervenções cirúrgicas. O número de anestésias tendeu depois a diminuir gradualmente, até que estabilizou em 1966 no ano de 1995. Verificara-se entretanto um novo “pico” em 1986, num total de 2183 anestésias, quando a assistência médica às forças militarizadas (PSP e GNR) foi atribuída ao Hospital Militar Principal.

O Serviço foi-se adaptando ao aumento do movimento operatório e aos desafios técnicos e médicos exibidos por uma população cirúrgica tão diferenciada. Começou por formar e treinar enfermeiros e anestesistas do quadro permanente, não apenas com o objetivo de assegurar o seu próprio movimento, mas também com o de integrar as equipas mobilizadas para os hospitais militares em África. Tornou-se também necessário contratar anestesiológistas civis, nomeadamente Marieta do Soveral Rodrigues em 1961 e Maria Leonor Faro em 1964.

Como resultado da sua dependência do Serviço de Saúde Militar ou como consequência da prestação do serviço militar obrigatório, passaram pelo Serviço de Anestesiologia do Hospital Militar Principal, antes ou depois da sua mobilização para a guerra no ultramar, alguns anestesiológistas que vieram a desempenhar papéis de relevo na especialidade em Portugal. A lista anexa inclui os seus nomes, bem como os dos anestesiológistas do quadro permanente e os dos médicos civis contratados, independentemente do tempo que durou a sua estadia no Hospital Militar Principal.

A idoneidade formativa a 100% foi-lhe reconhecida pela Ordem dos Médicos.⁴ O Serviço admitiu um interno por ano. Entre 1962 e 1970, preparou 6 candidatos a especialista, 5 dos quais eram do quadro permanente (TEN MED José Maria Pantaleão de Noronha 1966, CAP MED Joaquim Cortês das Neves 1967, TEN MED Manuel Borlido Laranjo 1968, CAP MED Fernando Matos Rodrigues 1969 e CAP MED Artur Magalhães Mateus 1970).⁵ O médico miliciano que fez o seu internato no Hospital Militar Principal, Luís Eugénio Pitta de Avilez, continuou a prestar serviço, primeiro como Tenente Miliciano Médico contratado e a partir de 1969, como médico civil especialista em Anestesiologia

pela Ordem dos Médicos.

A EVOLUÇÃO POSTERIOR

Em 1980, o Bloco Operatório passou a estar equipado com sistemas de canalização para fornecimento de oxigénio e protóxido de azoto e vácuo, bem como, no ano seguinte, de sistemas de exaustão de gases e vapores anestésicos modelo Scavenging tipo ativo, com válvulas Enderby. Este equipamento foi um dos primeiros a ser instalados no país e o primeiro em Lisboa. A partir de 1982, todas as salas operatórias ficaram equipadas com ventiladores Manley (Pulmovent). Ainda durante esse ano foi assinado um protocolo com o Serviço de Anestesiologia do Hospital Pulido Valente mediante o qual os internos de anestesia daquele hospital efetuavam no Hospital Militar Principal o seu estágio de formação na valência de anestesia em Ortopedia.

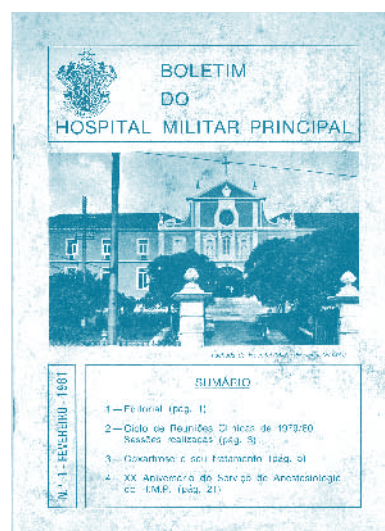


Figura 2 – Boletim do Hospital Militar Principal datado de 1 de Fevereiro de 1981 (alusivo ao XX Aniversário do Serviço de Anestesiologia do H.M.P.)

Em 1985 foi criada a Unidade de Tratamento Intensivo, anexa ao Bloco Operatório, o que obrigou à contratação de mais anestesiológistas para assegurar as escalas de permanência de 24 horas. Foram então admitidos, como médicos civis, Marina Sá Vieira e Ledemar Rodrigues Filho e como consultora, Encarnacion Soares, sendo então nomeado como Coordenador Geral Magalhães Mateus até 1992, data em que foi nomeado para os Altos Estudos Militares.

Com vista a assegurar esta nova responsabilidade, foi aprovado pelo diretor do Hospital, Brigadeiro Médico Carrilho Ribeiro, um novo regulamento do Serviço de Anestesiologia. Este tomou então a iniciativa de organizar anualmente cursos de Aperfeiçoamento para pessoal de enfermagem de Anestesia, Cirurgia, Bloco Operatório e Cuidados Intensivos, programados e coordenados pela anestesista Marina Sá Vieira e que se realizaram de 1984 a 1988. Em 1985, foram contratados mais quatro anestesiológistas, após concurso interno: Manuela Felgueiras, Conceição Bacelar, Teresa Galhardas e Fátima Monteiro. Em 1990, sendo Diretor do Serviço de Saúde o Brigadei-

ro Médico António Pinheiro foi o Serviço de Anestesiologia do Hospital Militar Principal, na pessoa do COR MED Magalhães Mateus, convocado para integrar a Comissão de Aquisição da Unidade Cirúrgica Móvel (atual Hospital de Campanha do Exército Português).⁶

O Serviço de Anestesiologia do Hospital Militar Principal, sob a direção do COR MED Magalhães Mateus e com a coordenação do MAJ MED Verdelho da Costa, organizou em 1991, com a colaboração do Serviço de Hemoterapia do mesmo hospital, as V Jornadas Inter-hospitalares da Secção Regional do Sul da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia subordinadas ao tema “Transfusões” (Fig. 3), tendo apresentado três comunicações orais que foram publicadas na Revista Portuguesa de Medicina Militar (Fig. 4). Paulo Domingues era o Presidente da Direção da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia e Artur Santos Costa o da respetiva Secção Regional do Sul.

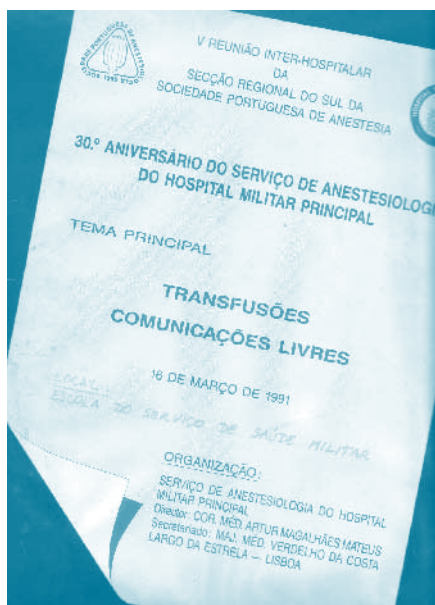


Figura 3 – 30º Aniversário do Serviço de Anestesiologia do Hospital Militar Principal



Figura 4 – Revista Portuguesa de Medicina Militar

Em 1994, a consulta de Dor Crónica, que fora criada por Fátima Monteiro após um estágio na Unidade de Dor Crónica do IPO sob a orientação de José Luís Portela, foi transformada em Consulta Multidisciplinar e passou a integrar outras especialidades, como a Medicina Física e de Reabilitação, a Ortopedia, a Neurologia, a Neurocirurgia e a Psicologia.

O Serviço de Anestesiologia evoluiu com a adoção de novos conhecimentos e práticas anestésicas, nomeadamente no referente à monitorização, à anestesia regional, à abordagem da via aérea difícil e às técnicas de analgesia pós-operatória, ao mesmo tempo que foi introduzindo protocolos de atuação e segurança e deu resposta ao movimento operatório de um hospital que passou a ter todas as especialidades cirúrgicas, com exceção da cirurgia cardíaca. Até 2011 o número médio anual de anestésias realizadas foi de 2300.

Os diretores do Serviço de Anestesiologia do Hospital Militar Principal foram, desde a sua fundação em 24 de Fevereiro de 1961, os anestesiologistas: CAP MED Joaquim Gonçalves (1961-1968) [mais tarde COR MED e Chefe do Serviço de Saúde da Região Militar de Angola e posteriormente Diretor do Serviço de Anestesiologia dos Hospitais Cívicos de Lisboa], MAJ MED Corte Real (1968-1970) [depois COR MED e Diretor do HMP], MAJ MED Fernando Neves Ferro (1970-1971), MAJ MED Joaquim Victor-Hugo Cortês das Neves (1971-1974), José João Águas de Mendonça Villalobos (1974), TCOR MED Fernando Matos Rodrigues (1974-1986), TCOR MED Artur Pinto de Magalhães Mateus (1986-1987), COR MED Fernando Matos Rodrigues (1988-1990), COR MED Artur Pinto de Magalhães Mateus (1990-1992) [posteriormente MGEN e Diretor do Serviço Saúde do Exército em 1997/1998], MAJ MED Verdelho da Costa (1992-1993), Marina Sá Vieira (1993-1997), Maria Marta Fernandes (1997-2009), Manuela Felgueiras (2009/2010) e Maria Filipa Achea (2010 a 31 Março 2013).

A EXTINÇÃO DO HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL

O Decreto-lei 187/2012, publicado em Diário da República a 16 de Agosto de 2012, criou o Pólo de Lisboa do Hospital das Forças Armadas (HFAR) pela fusão entre o Hospital da Marinha, o Hospital Militar Principal, o Hospital Militar de Belém e o Hospital da Força Aérea. A nova estrutura hospitalar foi sediada no Lumiar (Lisboa), no local onde funcionava o Hospital da Força Aérea.

Neste processo de fusão, o Serviço de Anestesiologia do Hospital Militar Principal foi extinto a 31 Março de 2013 (o do Hospital da Marinha já o fora em 31 Dezembro de 2012). Os três Serviços de Anestesiologia militares (Exército, Marinha e Força Aérea) foram fisicamente unificados a 1 Abril de 2013 e passaram a constituir um único Serviço de Anestesiologia integrado no Departamento de Cirurgia do Hospital das Forças Armadas – Pólo de Lisboa, localizado no Lumiar.

O Serviço de Anestesiologia assim formado passou a dispor de seis médicos civis do Quadro (1 Assistente Graduado Sénior, 3 Assistentes Graduados e 2 Assistentes Hospitalares) e de três médicos militares, num total de nove médicos especialistas em Anestesiologia, sob a chefia do Major Médico FAP

Ricardo Mendes Andrade, o anestesista de grau hierárquico militar mais elevado.

A 1 de Abril de 2013 teve lugar a última reunião do Corpo Clínico e de Enfermagem do Serviço de Anestesiologia do Hospital Militar Principal em que compareceram antigos Chefes de Serviço, assinalando o encerramento de um Serviço que foi pioneiro e modelar em Portugal, ao longo dos seus 52 anos de existência.

Referências

1. Reis CV. História da Medicina Militar Portuguesa. Lisboa: Edição do Estado-Maior do Exército; 2004.
2. Tavares J. História da Anestesiologia Portuguesa. 2ª ed. Lisboa: Edição da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia; 2013.
3. Caseiro JM. Discurso da atribuição do título de sócio honorário ao Dr Joaquim Gonçalves e ao Dr Santos Marques. Revista do CAR. 1997; 10: 27-9.
4. Rodrigues FM. O XX aniversário do Serviço de Anestesiologia do HMP. Bol Hosp Militar Principal. 1981;1: 21.
5. Lista Geral de Antiguidades de Oficiais do Exército. Lisboa: Estado – Maior do Exército; 1965,67, 72 e 85.
6. Mateus AP. O XXX aniversário do Serviço de Anestesiologia do HMP. Rev Port Med Militar. 1995; 42(1-4);

LISTA DOS MÉDICOS ANESTESIOLOGISTAS QUE ESTIVERAM COLOCADOS, MESMO QUE POR POUCO TEMPO, NO SERVIÇO DE ANESTESIOLOGIA DO HMP

Ana Maria Antunes Ferreira
 Ana Teresa Lufinha Vasconcelos
 Álvaro Ferreira Pais
 Artur Dinis dos Santos Costa
 Artur Pinto de Magalhães Mateus
 Carlos Fernandes Fonseca
 Fernando Manuel da Silva de Matos Rodrigues
 Fernando Neves Ferro
 João Sacadura Bote Corte-Real
 Joaquim Gonçalves
 Joaquim Victor-Hugo Cortês das Neves
 Jorge Manuel Mergulhão de Castro Tavares
 José João Águas de Mendonça Villalobos
 José Luís Rodrigues Portela
 José Maria Francisco António Pantaleão de Noronha
 Ledemar Rodrigues Filho
 Luís Aníbal Eugénio Pita de Avillez
 Luís Lima Gonçalves
 Luís Manuel Verdelho da Costa
 Mafalda Beatriz Silva Miranda
 Manuel Bento Soares da Silva Araújo
 Manuel Martins Borlido Laranjo
 Margarida Sacadura Faro
 Maria da Conceição Bettencourt Faria Bacelar

Maria de Fátima Monteiro
 Maria Filipa Silva Achea
 Maria Gabriela da Cruz de Almeida
 Maria Leonor Cabral Sacadura Faro
 Maria Luísa Oliveira
 Maria Manuela Felgueiras da Silva
 Maria Marta Lourenço Fernandes
 Maria Teresa Niza Galhardas
 Marieta Nina do Soveral Rodrigues
 Marina Martins de Oliveira Sá Vieira
 Paulo A. Fernandes Domingues
 Pedro José Ruela Torres
 Rita Gregório
 Rui Bouça
 Ruy Mascarenhas Leiria
 Susana Cláudia Monteiro Arantes

LISTA CRONOLÓGICA DOS ENFERMEIROS-CHEFES DO SERVIÇO DE ANESTESIOLOGIA DO HMP

António Sotana Catarino
 Manuel Ribeiro Laia
 Maria Libânia Marum Brito Mariano
 José Manuel Rodrigues Galo
 António Manuel da Luz Ribeiro Figueiredo Pereira
 José Miguel António Rijo
 António Manuel da Luz Ribeiro Figueiredo Pereira
 António Maria Corono Nogueira